

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréia Tápias
Eliene Dias Marcelino Coutinho
Whélita Aguiar Rodrigues Freitas

Lorena Bezerra Vieira

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo mostrar como a afetividade na relação professor-aluno é de fundamental importância para que a criança tenha motivação para ir à escola/creche e para aprender. Esta relação pode influenciar de maneira bem significativa o seu desenvolvimento em todo o decorrer de sua infância, adolescência e posteriormente em sua vida adulta, pois esta primeira experiência a tira do conforto de seu lar, do aconchego de seus pais, e a coloca em um ambiente completamente diferente do que ela está acostumada. O estudo realizado para a produção deste trabalho foi uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como fonte o trabalho de teóricos, dentre eles Saltini (2008), Wadsworth (2000) que estudou a teoria de Piaget, Heloysa Dantas (1992), Marta Kohl de Oliveira (1992) e Yves de La Taille (1992) com a perspectiva de Wallon, Vygotsky e Piaget. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos também um questionário com professores que atuam na Educação Infantil e buscamos informações sobre a visão destes professores sobre a afetividade. A partir deste trabalho, pudemos reconhecer a importância que existe no acolhimento das crianças, em conhecer o que é afetividade e as formas de expressá-la, como é imprescindível alimentá-la e transmiti-la, e quão relevante é que o professor de Educação Infantil se mantenha atualizado e tenha oportunidade de desenvolver suas habilidades e conhecimento em sua prática pedagógica, pois desta forma poderá contribuir de maneira efetiva na formação destas crianças.

Palavras-chave: Afetividade; Escola; Prática pedagógica.

ABSTRACT

This course completion work aims to show how the affectivity in the teacher-student relationship is of fundamental importance for the child to have motivation to go to school / daycare and to learn. This relationship can significantly influence her development throughout her childhood, adolescence, and later in her adult life, for this first experience draws her from the comfort of her home, from the comfort of her parents, and puts her into a completely different from what she is accustomed to. The

study carried out for the production of this work was a qualitative bibliographical research, having as a source the work of the theoreticians, among them Saltini (2008), Wadsworth (2000) who studied the theory of Piaget, Heloysa Dantas (1992), Marta Kohl de Oliveira (1992) and Yves de La Taille (1992) with the perspective of Wallon, Vygotsky and Piaget. As a data collection instrument, we also used a questionnaire with teachers who work in Early Childhood Education and we sought information about the teachers' view on affectivity. From this work, we can recognize the importance that exists in the reception of children, in knowing what affectivity is and the ways of expressing it, how it is essential to feed it and transmit it, and how relevant it is that the teacher of Education Infantil is kept up to date and has the opportunity to develop his skills and knowledge in his pedagogical practice, because this way he can contribute in an effective way in the formation of these children.

Keywords: Affectivity; School; Pedagogical practice

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em educação podemos nos direcionar a vários contextos, e nos dias de hoje, é importante citar também o campo das emoções na área de educação. A afetividade no ambiente escolar é algo que se faz necessário para que haja melhor adaptação a este novo meio a qual a criança é inserida, para que ela possa ter uma aprendizagem mais saudável e possa se desenvolver em seu meio social de forma positiva. A criança vê o professor como alguém que irá lhe ajudar, lhe proteger, alguém que a fará aprender inúmeras coisas, e em muitas vezes, é alguém que será referência em toda a sua vida. A prática pedagógica sendo desenvolvida também a partir de acolhimento, empatia, sensibilidade e outros sentimentos que garantirão a segurança da criança e a vontade de estar no ambiente escolar, proporcionará a ela um suporte para que sua inteligência seja desenvolvida de maneira sadia.

Segundo Wallon (1992), a afetividade ocorre anterior à inteligência e está diretamente ligada às emoções e a construção de um ser humano sadio. Podemos considerar que a afetividade é tudo aquilo que afeta, negativa ou positivamente a vida do ser humano, e para que a inteligência se manifeste, é importante nutrir a criança de afeto, tendo sempre a consciência de que a afetividade a qual nos referimos não é somente abraçar e beijar, isto faz parte da prática afetiva, mas dar voz e vez a esta criança. Segundo Saltini: “A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida, ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado” (2008, p. 100).

O aprendizado está diretamente ligado a afetividade, e isto trazemos conosco desde o nascimento. Ora, se estas são necessidades que precisam ser supridas nas crianças para que haja um bom desenvolvimento emocional, psicossocial e até mesmo físico, algo precisa ser feito para que elas tenham prazer em estar em um ambiente que lhes traga segurança e alegria. Elas saem do conforto dos seus lares, do aconchego do colo de seus pais e de seus familiares e passam a se inserir num ambiente adulto, com pessoas desconhecidas, cheio de regras e com crianças que se desenvolvem em um ritmo completamente diferente uns dos outros. Considerando estes aspectos, é possível perceber que a sensibilidade do educador ao receber esta criança, a forma que conduzirá o seu processo de ensino/aprendizagem, e a concepção que ele traz sobre “educação” será muito significativo para a construção do universo desta criança.

Somente em um ambiente onde haja troca de sentimentos, contato, estímulos, interação social e sensibilidade pode haver crescimento. Segundo Roberto Shinyashiki (1985), a estimulação tátil, além de significar uma troca gostosa e de propiciar sensações de proteção e segurança, fornece material para o indivíduo criar uma identidade. Sendo assim, passamos a acreditar que a “Afetividade na Educação Infantil” é algo que pode contribuir para a formação de uma criança e da transformação desta criança em um adulto consciente, crítico, responsável e feliz, e este é o foco principal desta pesquisa: compreender a importância da afetividade na vida de uma criança, especificamente dentro do espaço escolar.

Este trabalho foi organizado em 3 (três) seções: a primeira aborda o Histórico da Educação para entendermos as mudanças que ocorreram no desenvolvimento da Educação Infantil; a segunda apresenta algumas perspectivas sobre Afetividade e Inteligência que dão suporte ao tema apresentado. A terceira versa sobre a importância da relação entre professor e aluno em sala de aula, e a importância que o olhar afetivo terá como influência na formação deste indivíduo.

O que se pretende neste artigo é investigar a presença da afetividade na relação professor/aluno e a sua importância para o processo de aprendizagem de crianças da educação infantil. A proposta é fazer com que haja um maior entendimento sobre o que é a Afetividade, sua importância na Educação Infantil e as possibilidades na

construção do conhecimento e da vida em sociedade, e a influência que o professor traz consigo em relação ao aluno através de tudo o que lhe é transmitido em sala de aula, quer com palavras quer com atitudes. Esta pesquisa teve como objetivos específicos identificar a influência da afetividade e afinidade no processo de aprendizagem; apresentar um breve histórico da educação no decorrer do tempo e conhecer algumas perspectivas sobre afetividade e inteligência. Desta forma, apresentamos aqui informações que serão de grande valor para que haja melhor entendimento sobre a Importância da Afetividade na Educação Infantil e sua aplicação no dia a dia em sala de aula, auxiliando professores e futuros professores em sua prática pedagógica.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de levantamentos bibliográficos, e de acordo com Antonio Carlos Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. É também uma pesquisa exploratória, pois foi necessário grande busca e dedicação ao estudo de conteúdos que abordassem a questão da afetividade na educação e na formação do aluno, e sua importância para o crescimento e desenvolvimento deste aluno. Além da pesquisa em livros, a informação contida em alguns sites na área de educação também foram analisadas.

Para fortalecer as afirmações encontradas através da pesquisa bibliográfica, processou-se pesquisa através de questionário elaborado pelas pesquisadoras, para professores que lecionam na Educação Infantil. O questionário aberto contém perguntas que tem como objetivo levantar informações por parte dos professores sobre suas concepções em relação ao assunto em questão. As respostas foram transcritas com as próprias palavras das participantes, garantindo a individualidade de pensamento e conhecimento em relação ao assunto discutido.

Os professores que participaram são educadores que trabalham na Rede Municipal de Ensino, sendo 4 quatro professores, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, de uma Creche Municipal localizada em Cariacica, no Espírito Santo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO

Buscou-se apresentar teorias sobre a influência da afetividade para o desenvolvimento do ser humano e para o desenvolvimento do aprendizado. Sabe-se que toda pessoa é de certa forma afetada pelo contexto social ao qual está inserida, sendo influenciada tanto em suas decisões quanto em relação às perspectivas de vida. Os elos construídos através da convivência em sociedade são primordiais para que haja um desenvolvimento afetivo do ponto de partida para o desenvolvimento.

Podemos perceber que houve muitas mudanças no decorrer do tempo quando falamos em Infância e em Educação. A infância é um momento de descobertas, de curiosidades, de olhares atentos, e de cuidados. É importante ressaltar que nem sempre houve este pensamento em relação à criança, não existia valorização da criança como um ser, como um indivíduo, não havia o conceito de criança. Temos na história da educação, várias concepções de infância, e em muitas delas não havia a sensibilidade de ver a criança com doçura e afeto, buscando desenvolvê-la em suas fases de crescimento, respeitando seu tamanho, sua idade e suas limitações. Para que possamos conhecer e compreender um pouco mais sobre os caminhos percorridos pela educação até os dias de hoje, veremos a seguir uma apresentação histórica sobre aspectos considerados relevantes nesta área.

Na Idade Média, toda a responsabilidade com a educação da criança era provida pela família, e era função principalmente das mulheres. O cuidado não era algo que se mantinha por muito tempo, pois assim que eram desmamadas e adquiriam alguma coordenação, já eram postas a ajudarem os adultos em suas atividades cotidianas. Normalmente não havia vínculo afetivo das famílias para com as crianças, e elas eram entregues às famílias, muitas vezes desconhecidas para aprenderem algum ofício e serem educadas, aprendendo a servir desde muito cedo tendo como referência o trabalho, que era imposto a todos, sem restrição. Crianças e adultos se misturam como se fossem iguais em sua plenitude. As crianças eram vistas como um adulto em miniatura, no entanto, a vida da criança não tinha valor, eram tratadas com frieza e indiferença, e como as condições de higiene da época

não eram muito favoráveis, o índice de mortalidade infantil era grande, mas isto era considerado um fenômeno natural por grande parte dos adultos.

Segundo o historiador francês Philippe Ariès, em seu livro publicado originalmente em 1960 e traduzido no Brasil como História Social da Criança e da Família (1981), foram registrados inúmeras mudanças na família e no surgimento do sentimento de infância a partir do século XVII. Segundo ele, tais mudanças ocorreram devido a movimentos liderados, sobretudo pela igreja, fazendo com que a escola se constituísse como instituição fundamental à educação, fazendo com que as crianças deixassem de ser misturadas aos adultos. É possível começar a perceber esta transformação através das pinturas do século XIV, onde as crianças já passam a ser representadas como crianças, utilizando roupas próprias para sua idade, sendo distinguidas desta forma dos adultos.

De acordo com Valle (2010), houve uma transformação na visão de infância na Idade Moderna. Surge com a Revolução Industrial o Capitalismo, e com ele a necessidade de mão de obra adulta nas fábricas, sendo assim, os filhos e filhas destes operários eram deixados em casa, muitas vezes cuidados por terceiros, já que as mulheres também foram integradas a este trabalho. Podemos perceber que os filhos dos ricos possuíam escolas e eram bem encaminhados, enquanto as demais crianças pobres eram simplesmente mal tratadas e deixadas de lado. Valle afirma:

Aos poucos, para o atendimento dessas crianças abandonadas, foram sendo criadas instituições formais, que não tinham propostas pedagógicas. A maioria das atividades realizadas nesses estabelecimentos eram voltadas para a obtenção de bons hábitos de comportamento, internalização de regras morais e de valores religiosos (VALLE, 2010, p. 16).

A partir deste momento, no século XVIII, na Idade Moderna, a concepção sobre as crianças começa a ser diferente das que se tinha anteriormente na Idade Média. E assim, começam a surgir instituições de Educação Infantil, e os pais, que antes mantinham uma preocupação quase que mínima com os filhos, agora já se interessam em prepará-los para a vida, considerando a escola importante na educação. Esta transformação fez com que a criança não fosse mais vista como um adulto em miniatura, e sim como filho e aluno.

No Período Contemporâneo, século XIX, percebe-se que a criança passou a ocupar uma posição central nas famílias, sendo motivo de preocupação, para que não haja carências afetivas, econômicas, na área educacional, tampouco que lhe falte algo em sua subsistência. Há o anseio que esta criança tenha uma educação de qualidade, sendo acolhida no seio de sua família, na escola e também na sociedade. A criança, tendo liberdade de se expressar, construindo um universo de fantasias e de sonhos, vivendo em um mundo onde as informações são rápidas, merece atenção e preparo para sua formação como cidadã, através de uma educação de qualidade. E não somente para atenderem às demandas do mercado, e sim se prepararem para a vida.

Por volta de 1970, a mulher, tendo que participar da vida do trabalho fora de casa com mais efetividade, busca as instituições de educação para seus filhos menores de 6 anos com mais ênfase, e em 1988, a Constituição institui como dever do Estado, por meio dos Municípios, garantir a educação infantil das crianças de 0 a 6 anos de idade em creches e pré-escolas. Desta forma, a educação infantil “deixava de se constituir em caridade para se transformar, ainda que apenas legalmente, em obrigação do estado e direito da criança” (BRASIL, 2006a, p. 09).

Deixava de ter cunho assistencialista e começava a se preocupar realmente em cuidar e em educar. Com o passar do tempo, buscou-se melhorias para a educação infantil, e para que houvesse força nestas lutas, foram criadas leis para que se firmasse e reafirmasse a importância que uma educação digna e de qualidade tem para as crianças. Sendo assim, como consequência destas lutas, surge uma de muitas vitórias, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que em um de seus artigos nos permite verificar que a educação infantil foi levada a ser a primeira etapa da Educação Básica. (BRASIL, 2011, p. 21).

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (BRASIL, 2011, p. 21)

Temos também, elaborado pelo Ministério da Educação e atendendo às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. O RCNEI tem como objetivo guiar, dirigir professores e profissionais da área de educação que atuam com crianças de 0 a 6 anos, com orientações didáticas que visam o aperfeiçoamento em sua prática profissional e o respeito aos estilos pedagógicos e a diversidade cultural existente.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) são normas obrigatórias para a Educação Básica e afirma que:

1.1 Esta norma tem por objetivo estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na educação infantil. 1.2 As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil. 1.3 Além das exigências dessas diretrizes, devem também ser observadas a legislação estadual e municipal atinentes ao assunto, bem como as normas do respectivo sistema (BRASIL, 2010, p. 11).

As crianças, em creches ou pré-escolas, se relacionam com outras crianças e também com adultos. Os adultos precisam necessariamente estar preparados para receberem estas crianças, tratando-as como crianças, respeitando seus limites, suas aptidões, seus sonhos e seus desejos, e, sobretudo, capacitadas de conhecimento suficiente para atenderem suas necessidades. Seu desenvolvimento dependerá de diversos fatores, mas é importante que o educador esteja habilitado a desenvolver nas crianças suas habilidades de uma forma integral, visando à formação de um ser integral, acompanhando seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem.

3.2 AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA

Inicialmente, é necessário entender o que é Afetividade. Existem muitas teorias sobre este tema e a sua importância. Henri Wallon (1992) foi um psicólogo que muito se dedicou ao estudo da Afetividade, e afirma que podemos entendê-la como sendo a capacidade que o ser humano possui de ser afetado através de sensações boas ou ruins, em seu meio externo ou em seu meio interno. Em sua teoria, Wallon afirma que a Afetividade possui momentos de evolução, e que estes momentos são resultantes de elementos orgânicos e sociais. São eles a *emoção* – é ela que demonstra o afeto através de manifestações do corpo e do sistema motor; o *sentimento* – é a expressão da afetividade sem a instantaneidade da emoção, podendo ser representado até mesmo pela repressão. Surge, quando a criança começa a manifestar a fala; e a *paixão* – podemos observá-la através do autocontrole da emoção em função de um propósito. Segundo a enciclopédia livre na internet, temos algumas definições para esta palavra:

- a) É a demonstração de um sentimento de querer bem, de ter carinho ou cuidado com outro alguém;
- b) A afetividade é a capacidade individual de experimentar os fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos);
- c) Conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos.

Desta forma, podemos observar que a afetividade está relacionada às mais variadas experiências que o indivíduo pode ter, quer na família, na escola, na comunidade e na sociedade. Sem afeto não há possibilidade de se construir relações saudáveis e duradouras, principalmente se considerarmos que esta experiência influencia no decorrer de toda a vida, positiva ou negativamente. Na perspectiva de Piaget, o afeto é importante para o desenvolvimento da inteligência, e sem ele não há motivação, nem desenvolvimento mental:

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (1976, p. 16).

Esta citação evidencia o quanto o afeto se faz importante para que haja questionamento, participação e relações sociais entre os indivíduos. É uma espécie de mola propulsora para que haja interesse nas ações, nas atividades propostas. Em sua teoria sobre Afetividade, Piaget considera que o afeto pode acelerar ou retardar as estruturas cognitivas, sendo retardada quando existe algum obstáculo para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, e acelerada quando há interesse e necessidade.

A afetividade e a inteligência são palavras distintas, mas inseparáveis quando as relacionamos ao processo de ensino aprendizagem. As aquisições de cada uma agem diretamente sobre a outra permanentemente. Segundo Wallon (1992, p. 90) “(...) a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa”. Para tanto, é necessário que a criança explore, que se utilize desta energia que a afetividade deixa transparecer para descobrir o novo. Claparède ao se referir à curiosidade e ao interesse, diz:

A escola não deve esperar que as crianças façam tudo o que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não sejam forçadas à ação (...) O que se deve fazer é explorar seus interesses, ligar a eles, isto é, à sua vida o que se deseja ensinar. A didática deve transformar os fins futuros a que visam os programas escolares em interesses presentes para a criança (apud **SALTINI**, 1954, p. 301-2).

O professor precisa ter percepção e sensibilidade para identificar os interesses das crianças, até porque estes diferem por cada etapa, ou seja, diferem por idade, e quanto mais curioso e pesquisador for este profissional, mais poderá encorajar a criança a se conhecer, a se construir. Quanto mais a criança se sentir amada, aceita, acolhida e ouvida, mais ela se desperta para a vida da curiosidade e do aprendizado. O psicanalista e Educador Saltini, em seu livro Afetividade & Inteligência faz uma referência ao falar sobre este assunto.

Ao falarmos da inteligência e da aprendizagem precisamos nos referir também, e sempre à emoção, às ligações e inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade (1999, p. 50).

As crianças precisam e devem ser estimuladas desde muito cedo. Enquanto bebês, normalmente são estimulados pelos pais a dar os primeiros passos, a produzir as primeiras palavras, a sentir o prazer de um abraço e de um beijo, e quando normalmente chegam às creches e pré-escolas, são conduzidas a reproduzirem o coletivo, e não a serem indivíduos únicos, como realmente são. Os professores parecem querer enquadrar as crianças dentro um único padrão, o que não lhes permite despertar para a curiosidade, todas tem um mesmo horário para ir ao banheiro, para beber água, para lancha, e desta forma, ficam presas dentro de um padrão pré-estabelecido com poucos recursos para as descobertas.

O professor exerce um papel essencial no desenvolvimento do seu aluno. A afetividade, não necessariamente é demonstrada através de carinhos físicos, e sim através da preparação integral desta criança para conviver em sociedade, se tornando crítica, autônoma, responsável e consciente. O olhar sensível do professor torna-o capaz de interagir com a criança respeitando seus níveis de desenvolvimento, tendo consciência que cada uma tem sua potencialidade e a desenvolve de forma diferente em tempos diferentes.

3.3 RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

É importante refletirmos sobre a educação supondo a presença de dois seres bem concretos: o que educa e o que é educado. Estes seres estão submetidos à interações psicológicas recíprocas, que muitas vezes sofrem modificações considerando inúmeros fatores. Atualmente, consideramos fundamental que o educador centre na criança e em suas necessidades educativas, ou seja, esteja preparado para recebê-la, acolhê-la e a respeite em sua individualidade, fazendo-a se sentir única. Este primeiro contato com uma determinada criança, e a influência que o desenvolver desta relação possa vir a ter, definirá os caminhos que ela terá, não só falando em assimilação do ensino, mas também da influência de sua vida em termos sociais e psíquicos. Saltini (2000) afirma que o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento.

É possível perceber o desespero da maioria das crianças quando são deixadas pelos pais na porta da escola nos primeiros dias de aula. Alguns perduram por semanas. Observa-se que no decorrer dos dias, elas vão se acostumando com a idéia de terem que se afastar dos pais, de suas casas, e de seus brinquedos por algum tempo, mas, precisamos refletir no que realmente acontece dentro da sala de aula quando a porta se fecha.

O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, e não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram, homens que sejam criativos, inovadores e descobridores. O segundo objetivo da educação é formar mentes que possam ser críticas, possam verificar e não aceitar tudo que lhes é oferecido (PIAGET, 1964, p. 5).

Observar como é importante termos professores sensíveis e com uma percepção aguçada no que diz respeito às crianças é algo de grande relevância. Não podemos permitir que elas cresçam sem ter clareza de sua importância, do quão são amadas e de como tiveram suas opiniões e idéias respeitadas, e da grande influência positiva de seus mestres em sua formação. Segundo Rubem Alves (apud Saltini, p. 15): “O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho”. Poucas são as crianças que se sentem à vontade em sala de aula, e no decorrer dos dias, percebemos que isto afeta diretamente na sua inteligência e como ela expressa suas idéias e opiniões. Quando Rubem Alves faz esta citação, ele afirma que a criança está em construção, e o amor que ela recebe a fará crescer de maneira salutar. Se isto não ocorrer, ela poderá não desfrutar dos benefícios que se têm quando nos sentimos amados e aceitos. A afetividade não é somente o abraço, o beijo, e a acolhida, mas é também o despertar para o sonho, para a descoberta, para o autoconhecimento.

Professor e aluno desenvolvem-se através de relacionamento, afetividade e solidificação do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento educacional. Essa relação tem como base de desenvolvimento a confiança, e as crianças são incentivadas a desenvolver seus sentimentos e expressá-los de forma oral e escrita, sendo esta relação professor/aluno utilizada como meio para o desenvolvimento intelectual, promovendo aprendizado constante e avolumando o vínculo e as relações. Para Saltini (2000,p. 69):

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e coloca-las ao serviço de sua própria vida.

O professor, através de métodos e didáticas definidas por ele mesmo ou seguindo um planejamento direcionado pela escola, define o papel dos alunos e a influência que sua escolha terá no processo de aprendizagem. Com o advento da tecnologia, a conseqüente mudança no contexto e estruturação das famílias, as crianças têm iniciado sua vida escolar cada vez mais cedo, e isso tem se tornado um grande desafio para os professores que além de ensinar, começam a ter que suprir as carências afetivas dos alunos, considerando que as famílias têm se distanciado no que tange os laços afetivos e de convivência devido à rotina e a eventuais causas deste mundo contemporâneo. O novo contexto familiar onde pai e mãe trabalham fora para dar maior conforto para a criança, as levam a serem criadas por avós, tios, empregadas ou algumas vezes colocadas em escolas de tempo integral. O diálogo familiar muitas vezes substituído por aparatos tecnológicos prejudicam o desenvolvimento social e a interação entre criança e adulto, e faz com que o professor tenha um desafio a mais.

A escola tornou-se então uma forma de compensar essas carências, tornando a afetividade um diferencial, um ponto chave para o desenvolvimento da criança. O adulto tem o papel de mediador entre criança e o mundo ao qual ela está inserida, visando mostrar a criança que através do diálogo ela pode compreender o mundo ao qual está inserida. O professor tem um papel base no processo educativo das crianças, oferecendo mecanismos para a construção de ideias e desenvolvimento. Considerando esta afirmação, podemos refletir no que Saltini (2000, p. 16) diz:

“As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuroses por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de sofrimento”.

Conhecendo mais a criança, respeitando seu desenvolvimento e tendo consciência de como a afetividade e a cognição estão implicadas no processo de ensino, teremos sim, jovens e posteriormente adultos saudáveis, pois o vínculo entre professor e aluno

fornece modelos de referência e segurança para o estudante, afetando o seu comportamento e aprendizado de forma contínua. Segundo Piletti (1988, p. 24) “No decorrer de sua vida diária, o aluno sofre uma série de influências que vão ter repercussões, negativas ou positivas, em seu trabalho escolar”. Ao inserir a afetividade neste contexto, faz com que o aluno consiga alcançar os seus melhores resultados e aprender cada vez mais e com maior facilidade.

A criança adquire segurança tendo o professor como seu modelo, nos anos iniciais a afetividade é ainda mais importante para o desenvolvimento educacional com base no fortalecimento dos laços, sendo a brincadeira uma das formas mais eficazes para o alcance dos resultados.

4 PRODUÇÃO E COLETA DE DADOS

A efetuação da análise qualitativa de dados se deu com base em questionário e teve como propósito reconhecer as opiniões dos professores e como trabalham a relação entre a afetividade e sua realidade educativa, e a postura afetiva no nível de suas consciências. Na primeira pergunta, questionamos os professores para identificar as impressões afetivas que tiveram em relação aos seus professores da infância: *Existiu algum professor (a) que deixou marcas em sua infância escolar de forma positiva ou negativa?*

A maioria dos professores informou que sim, ficaram marcados em relação aos professores de sua infância principalmente pela forma que o professor agia, identificando-os como carinhosos, amorosos, dedicados e pacientes. Alguns transpareceram em seus semblantes lembranças de uma relação autoritária, coercitiva, considerada rude e até de certo temor. Concluiu-se que a afetividade no período da infância, mesmo que de forma subjetiva, ficam incorporadas no subconsciente humano, tendo influência positiva ou negativa e afetando o desenvolvimento da aprendizagem.

Na segunda pergunta, tivemos o objetivo de conhecer a visão dos professores sobre “Afetividade”: *Para você, como se define o conceito de afetividade na infância?*

Os professores afirmaram que a afetividade pode ser definida como uma relação social alicerçada com base no diálogo e guiada pela afinidade, carinho e respeito, essa manifestação da afetividade depende de um estado individual e subjetivo.

A terceira pergunta questionou sobre as experiências e ações docentes: *A afetividade entre professor e aluno dentro da sala de aula pode ser evidenciada?*

A afetividade pode ser evidenciada com base no comportamento do aluno, sendo o mesmo valorizado e respeitado, incentivando e elogiando suas produções. Outros, por sua vez acreditam que ter uma postura carinhosa e afetiva deve levar em conta a individualidade de cada aluno respeitando o ritmo de desenvolvimento.

Na quarta pergunta enfatizou-se o sentido da afetividade: *Em qual sentido a afetividade traz benefícios para o ensino e aprendizagem das crianças?*

Os professores em consenso, afirmaram que a afetividade entre professor e aluno contribui para o desenvolvimento e gera através da confiança um aumento da capacidade de aprendizado.

Na quinta pergunta, buscou-se dos professores uma reflexão sobre as próprias práticas e atitudes adotadas por eles para construir sua relação afetiva com o aluno: *Em sua atuação como professor, como você demonstra uma relação de afetividade com os alunos?*

Para a maioria dos professores entrevistados, a afetividade é identificada como toda e qualquer atitude do professor que leve o aluno a consciência e reflexão de seus atos e sentimentos.

Na sexta pergunta, foi solicitado aos professores que definissem, com suas opiniões, as expectativas dos alunos em relação ao professor: *Olhando do ponto de vista do aluno, como você vê a relação dos alunos quanto a expectativas em relação ao professor?*

Os alunos anseiam por ter suas necessidades de afeto correspondidas pelo professor por muitas vezes não ter isso dentro da família a qual está inserido, como carinho, a atenção e o diálogo.

Segue abaixo, trechos de conversas dos professores durante a entrevista.

Está acontecendo uma mistura de papéis devido à carência familiar, na maioria das vezes eles esperam atitudes de mãe e não de um professor. (Professor A)

Dou aula em salas bem distintas, infantil (2ª etapa) e 4ª série, mas percebo que apesar da diferença na idade, eles sempre estão esperando uma pessoa que lhes transmita confiança, amor, porém, que lhes corrija no momento que for necessário. Isso faz parte de um relacionamento afetivo. (Professor B)

Acho que ele espera que todas as suas perguntas tenham respostas, aprender o que não se ensina fora da escola. (Professor D)

Com base nas respostas dos professores, observa-se que eles estão conscientes de seu papel junto aos alunos. Alguns foram despertados com um pouco mais de sensibilidade, outros nem tanto. O importante é que tenham consciência que “A educação é uma arte. Não é mera profissão ser educador (...)” (SALTINI, 2008, p. 92).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o adulto é uma extensão do que viveram na infância, mesmo que muitas vezes não seja percebido pela maioria das pessoas, é necessário que haja um cuidado maior quando lidamos com as crianças. Os vínculos afetivos criados nesta fase da vida terão reflexo positivo quando estas estiverem maiores, quer na tomada de decisões, na relação com os demais indivíduos à sua volta, na facilidade de comunicação e expressão de seus sentimentos e desejos, no aumento de autoestima e autoconfiança, no fortalecimento de seus vínculos afetivos, e tantos outros benefícios que foram citados no decorrer deste trabalho.

Considerando que as crianças atualmente estão indo para as instituições de ensino cada vez mais cedo, podemos afirmar que é necessário que o professor esteja interessado em conhecer mais sobre o significado que estas experiências terão no

processo de desenvolvimento da criança, fazendo com que esta experiência contribua positivamente neste novo contexto de sua realidade. Vivemos em uma sociedade onde é exigido cada vez mais cidadãos preparados para realidades profissionais, técnicas, familiares e tantas outras preparações para o mundo exterior, no entanto, pouco se pensa em capacitar cidadãos para conhecerem a si mesmos, para se sentirem seguros e conscientes sobre o espaço que ocupam na coletividade, ou seja, pouco se pensa em formar um cidadão de forma integral, na visão social, intelectual e afetiva.

Há eficiência na prática pedagógica quando o aprendizado é composto por alegria, afeto, e o prazer naquilo que se faz, seja no aprender ou no ensinar, e na Educação Infantil estes elementos se fazem necessários no cotidiano escolar, possibilitando a criança em explorar, em se expressar, considerando suas idéias e opiniões. Toda criança necessita de relações afetivas, seja no ambiente familiar ou com as pessoas que convive no ambiente escolar, pois esses vínculos afetivos contribuirão para o seu desenvolvimento e para a construção da aprendizagem.

Os teóricos com os quais dialogamos nesse trabalho indicam que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. Assim, podemos evidenciar a importância que existe em se trabalhar este aspecto de forma cuidadosa pelo professor, mantendo-se sempre atento à resposta que aluno dará a partir da convivência e de sua socialização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Valéria Amorim (org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
BRAGA, Douglas (...) USP – Ano VI, n. 10, p. 15-40, 2015 / A infância como objeto da história um balanço historiográfico.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva. 2005.

BRASIL. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 2 v.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/ Secretária de Educação Básica. Brasília, MEC, SEB, 2010.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3.v.

CAPELATTO, Ivan. Diálogos sobre afetividade. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

CRAIDY, C. M. & **KAERCHER**, E. P. (orgs). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FRABBONI, Franco. A Escola Infantil entre a Cultura da Infância e a Ciência Pedagógica e Didática. In: **ZABALZA**. Miguel A. Qualidade em Educação Infantil; tradução Beatriz Affonso Neves – Porto Alegre: Artmed, 1998.

FERNANDÉZ, Alicia. Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Trad. Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALVÃO, Isabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: **ARANTES**, Valéria Amorim (Org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2003.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização. 2ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Freud e a Educação: o mestre do impossível. Salvador, BA: ABRAPEE e Faculdade Ruy Barbosa, 2003.

LA TAILLE, Yves de; **OLIVEIRA**, Marta Kohl de; **DANTAS**, Heloysa. Piaget Vygotsky Wallon. Teorias Psicogenéticas em Discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MACEDO, Elizabeth. Criar Currículo no Cotidiano. São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, Maria Lucia de A.(org.). Encontros e Desencontros em Educação Infantil. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCHAND, Max. A afetividade do educador. Trad. Maria Lúcia Spedo Hildorf e Antonieta Barini. São Paulo: Summus, 1985.

MAHONEY, Maria Lúcia Alvarenga e **ALMEIDA**, Laurinda Ramalho. A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa. Vol. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para instituições de educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2006a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica - Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil /Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, v.1, 2006b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica - Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil /Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, v.2, 2006c.

MORALES, Pedro. A relação professor-aluno: o que é, como se faz.. Trad. Gilmar Saint e Clair Riberio. São Paulo: Loyola, 1999.

MORENO, M. Conhecimento e Mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento. Ed Morena e Editora Unicamp, São Paulo, 2003.

PAREDES, Eugênia Coelho e **TANUS**, Maria Ignez Joffre. Psicologia. Fundamentos da teoria piagetiana. Cuiabá: UFMT, 2000.

SALTINI, Cláudio J. P. Afetividade e inteligência: a emoção na educação. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2008. v. 01.

SHINYASHIKI, Roberto. A Carícia Essencial – Uma psicologia do afeto. 1ª ed. São Paulo: Gente, 1985.

VALLE, Luciana Rocha de Luca Dalla. Fundamentos da educação infantil. Curitiba: Editora Fael, 2010. 98 p.

WADSWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget: Fundamentos do Construtivismo. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 2000.